

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2020

Colegas, companheiras/os, amigas/os,

Sintam-se todas e todos abraçados e, especialmente as/os colegas heroínas/óes, lutadoras/es professoras/es que hoje, dia 15 de outubro, comemoram seu dia.

A posse nesse dia da nova diretoria eleita assume simbolicamente o valor de um compromisso: aquilo de tornarmos nosso sindicato, um instrumento a cada vez mais poderoso nas mãos das/os professoras/es para defender a Universidade pública, gratuita, inclusiva, de qualidade que queremos e a nossa dignidade.

Gostaria de homenagear as mulheres professoras na pessoa da Dirlene, já presidente do nosso sindicato e saudar a minha família, que aqui está, virtualmente na plataforma conosco, meu irmão Francesco, a mulher do meu pai Pina (que desde sempre chamo de mãe), minha irmã Silvia e em especial meu pai Renato ao qual preciso agradecer por ter me transmitido valores e um profundo senso de justiça, substrato primordial da minha atuação, bem como por ter me estimulado sempre na vida, me repetindo a frase *Volli volli fortissimamente volli* (“quis quis fortemente quis”) nos momentos mais difíceis, lembrando-me, assim, que nenhum sonho é impossível, se realmente o queremos realizar e trabalhamos para alcançá-lo.

Com muito orgulho serei a 7ª mulher na presidência deste sindicato.

Dedico esta minha posse de mulher a quem está sempre comigo, minha mãe Lucia, que foi uma mulher guerreira e a minha avó Carmela que me ensinou a resistir.

É com bastante satisfação e com profundo sentimento de responsabilidade que assumo hoje a presidência do APUBH na compreensão que com esta eleição não fui eu que fui eleita nem as/os minhas/meus companheiros de chapa, mas as/os 780 professoras/es que, depositando em nos confiança, com seu voto bastante expressivo, aprovaram o nosso programa (escrito a muitas mãos, debatido e consensuado), ponto de partida aberto e dinâmico do nosso próximo agir rumo a transformação que queremos. Também não queremos ser apenas 780, queremos ser muitas e muitos mais. Às/Aos poucas/os que votaram branco e nulo agradecemos por ter participado do pleito expressando seu dissenso e cumprindo um papel importante num espaço democrático. Os votos de quem não compareceu serão para nos instigação para não ficarmos acomodados, para

avançarmos e trabalhar para ampliar a participação junto a nossa base. Queremos crescer na universidade e multiplicarmos.

Queremos também agradecer as centenas de colegas com quem conversamos ao longo desta caminhada, pela aprendizagem, pela troca frutuosa, por ter sido uma janela na realidade dos dramas vividos e do sofrimento padecido da solidão, da sobrecarga de trabalho, dos problemas físicos e mentais surgidos ou aprofundados nesta época de distanciamento social, nos confirmando a necessidade de se pensar em ações e planos para reverter este quadro, amenizando as dores e a precarização.

Uma saudação especial às/aos nossas/os aposentadas/os, que, não obstante a novidade de eleições não presenciais, fizeram o seu melhor para dar sua contribuição e participar democraticamente do processo. Com certeza é intenção desta nova gestão prestar uma maior atenção às suas demandas e suas necessidades.

Por fim queremos agradecer o trabalho da diretoria que está de saída, e com ela toda a equipe do APUBH, eficiente e prestativa, na pessoa da Stella e de todas as mulheres que a compuseram, e da qual vários integrantes da nova diretoria eleita participaram, eu inclusive. Esta gestão foi um verdadeiro divisor de água, rumo um sindicalismo diferente, novo e inédito para as/os professoras/es da nossa base.

Uma gestão que teve que enfrentar um governo irresponsável e descomprometido com os fundamentais valores da vida e da educação numa atuação que exigiu empenhos de várias ordens, físico e mental e ações de resistência sem precedentes, inclusive por ser confrontada com as mazelas da pandemia da Covid-19. Não obstante isso, ou também por causa de tudo isso, cúmplice uma grande indignação e desejo de resgate, o APUBH se tornou um Sindicato atuante, presente na luta e reconhecido.

O cenário atual não é diferente. O filósofo Vladimir Safatle (2020)², referindo-se ao Brasil nesse momento de nossa história, afirma que a destruição tem sido tão ampla e violenta que a travessia que teremos que fazer ao produzir as muitas formas de reconstrução será longa e semelhante à “travessia de um deserto”.

Na era da micropolítica, da guerra híbrida, do *lawfare*, da contrainformação e das *fake news*, da prevalência da lógica econômica sobre o ser humano, estamos recebendo uma bomba-relógio e temos que correr para desativá-la. Na verdade, é um arsenal completo

para aniquilar a Universidade pública e as condições de vida e trabalho docente, bem como dos trabalhadores em geral.

Está em curso uma acelerada destruição da educação, da ciência e da tecnologia. É o genocídio da educação.

Não podemos naturalizar a lógica perversa neoliberal e o projeto de desintegração do tecido social como cenário mais amplo no qual se inserem, na atualidade, os ataques à Universidade pública por um Governo que quer colocar *a granada no nosso bolso*, que nos considera inimigos, que intende e considera a educação como custo, ao invés de valorizá-la como investimento social e humano. A Emenda 95, a reforma trabalhista e da terceirização (com inevitáveis repercussões no serviço público), as ameaças constantes de privatização e mercantilização da educação, do saber, da pesquisa, o Future-se a reforma da previdência, a interferência na autonomia universitária, a reforma administrativa são apenas alguns dos capítulos do *show* de horrores aos quais precisamos resistir ainda mais nas condições precárias de solidão e distanciamento imposto. Sem esquecer as condições desqualificantes de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que devemos entender como parte desta arquitetura e, por isso, pretender que se mantenha apenas emergencial.

A reversão deste sistema exige reflexão, estratégia, pensar em grande, sonhar e, sobretudo, acreditar. *“Nada é mais nosso que os nossos sonhos”* (cit.), lembrando que nós todos *“somos do tamanho dos nossos sonhos”* (cit.).

E falando nisso, saúdo os companheiros da nova Diretoria Geral eleita e do Conselho Fiscal bem como os conselheiros de Unidade aos quais dou minhas boas vindas e meus agradecimentos pela disposição em contribuir.

Valorosos novos companheiros de luta, que com muita garra e coragem se dispuseram, nesta conjuntura particularmente difícil, a uma travessia que, se por alguns aspectos é um desafio pessoal, por outros é e será uma enriquecedora viagem coletiva.

Movidas/os por aquela voz dentro de nós que nos deixa inconformadas/os perante a injustiça e o atropelo, saudável e inspiradora inquietação que, nestes tempos sombrios, nos pede uma postura diferente, proativa e mais ousada. A travessia pede sair do lugar.

Iniciamos esta nova gestão fortes de algumas experiências e oxigenadas/os com elementos de renovação. Uma diretoria atenta aos equilíbrios de gênero, com 6 mulheres

(de nove membros) na Diretoria Executiva, entre as quais a presidente e a primeira vice-presidente e contemplando as diversidades, aqui reforçando nosso compromisso de defesa de todas as diversidades, bem como o de combate ao racismo, a lgbtqi+ fobia, a xenofobia e todas as formas de discriminação.

No sindicato, com sindicato e para o sindicato não há e não haverá, e categoricamente serão combatidas, todas as formas de preconceito e discriminação conforme a Constituição cidadã, assim denominada por Ulysses Guimaraes.

Sem distinção somos todos e todas PROFESSORAS e PROFESSORES.

Queremos um Sindicato de luta, de debates democrático, mobilizador, um sindicato de união, aberto e acolhedor voltado a defesa da Universidade pública, gratuita, inclusiva, de qualidade, a defesa da nossa autonomia, das liberdades democráticas, da inclusão, das bases e dos fundamentos do estado democrático de direito.

O objetivo, então, se torna avançar com mais consciência, corrigindo erros, robustecendo a estrutura, ampliando a participação.

Para tanto é preciso fortalecer o sindicato, aumentar a compreensão da importância do seu papel transformador, de sua função na sociedade e de seu protagonismo e importância na luta por direitos. Lembrando que direitos sociais não são postos, apenas conquistados, às vezes com lutas sangrentas em nome das quais não podemos baixar a guarda e abrir as portas ao retrocesso.

Precisamos, portanto, de um sindicato capaz de se colocar, um sindicato combativo que tenha compreensão que a luta é econômica, jurídica e também política. Um sindicato capaz de entender que ele apenas se transforma em potência quando as vozes isoladas se tornam coros.

Com a Reitoria e em geral com os espaços da gestão o propósito é continuar na troca de informações, aprimorando o espaço de negociação, de diálogo construtivo contra precarização da saúde física e mental dos trabalhadores/as da área da educação e do trabalho docente e pela sua valorização, fortalecendo a luta pela educação pública, gratuita, de qualidade, inclusiva, autônoma, presencial.

Estamos dispostas/os ao dialogo sem nunca, contudo, esmorecer em relação às justas reivindicações de nossos colegas, de todas as carreiras, esperando não apenas ter nossas sugestões ouvidas, mas verdadeiramente consideradas.

O sindicato vai aonde a administração não pode, ou não quer ir.

Pretendemos consolidar práticas coletivas tentando sempre que possível privilegiar o horizontal no lugar do vertical, apesar de sabermos quanto é mais fácil ceder a sedução de trabalhar no vertical e quanto é mais inclusivo, e certamente mais enriquecedor, trabalhar no horizontal.

A horizontalidade nos pautará dentro e fora do sindicato. Para isso, contudo, precisamos construir, experimentar, aprender, e pedimos a colaboração de todas e todos, inclusive de quem com nos discorde.

Os dois anos passados foram de muita aprendizagem e amadurecimento. Chegamos a compreensão da existência de ponto de vista diferentes, nem sempre certos, nem sempre errados; de táticas diferentes para perseguir a mesma estratégia; da necessidade de se colocar em lugar de escuta antes de que em lugar de fala; da importância da honestidade intelectual em época de fácil distorção das verdades, deixando de lado a malícia do instilar a dúvida em busca de diálogos mais humanos, honestos, diretos e construtivos; da importância de buscar convergências onde a persistência na divergência, sem ponderação dos efeitos, apenas acirra e exalta os ânimos e não constrói. O que importa é a busca de entendimentos para evitar a estagnação e permitir ao sindicato de avançar na luta por direitos da categoria e da classe trabalhadora como um todo.

Fizemos parcerias importantes e pretendemos fortalecer os laços entre os 3 setores da Universidade, com os nossos parceiros SINDIFES, DCE, APG, ASSUFEMG, OAP e ainda e a cada vez mais buscaremos ações conjuntas em prol da Universidade, da Educação, do Trabalho, do Serviço Público e externamente com outras entidades da área da educação, sindicatos, associações e movimentos sociais.

O APUBH teve uma participação decisiva e marcante nos debates sobre os rumos da área da educação brasileira chegando a liderar, junto com outras entidades, manifestações vitoriosas em defesa da educação pelo consistente apoio das categorias representadas e da população em geral num momento de grandes desafios.

Temos compreensão que a luta não se faz sozinhos, e a luta das/os professoras/es não é outra que a luta de toda a classe de exploradas/os, trabalhadoras e trabalhadores sobrecarregadas/os, hiper responsabilizadas/os, ilusoriamente autonomizadas/os. Portanto, estaremos juntas/os, solidariamente, às/aos nossos companheiros não apenas da

área da educação, mas também às/aos trabalhadoras/es, de outras categorias, pisoteadas/os, aniquiladas/os, mau tratadas/os pelo sistema o por este desgoverno que nos assola, deprime e assombra.

Para isso será necessário nós somarmos às outras instituições federais e fazer escolhas necessárias e urgentes de fortalecimento da luta em nível nacional.

Lutaremos junto para um sistema mais equo e mais justo.

Trabalharemos incansavelmente para ampliar o conhecimento sobre nossa carreira, sobre os ataques diretos e indiretos, sobre as possibilidades de luta e de seu fortalecimento defendendo a Universidade que queremos contra os ataques voltados a mercantilização do ensino e da pesquisa.

Queremos é praticar a ousadia para contrastar o nefasto projeto neoliberal e lutar para a dignidade dos docentes e da classe trabalhadora

Queremos e creditamos num projeto diferente de mundo, de sociedade e de universidade.

Há muitos desafios relacionados à missão da universidade pública, este local privilegiado do pensamento inquieto, do ensino de qualidade e democrático. Há muitos desafios que o momento nos impõe. E nós estamos dispostas/os a encará-los com determinação. Não se constrói um legado apenas arranhando a superfície das coisas.

A quem acha que é quimérico ou fantasioso, a quem nos considera utópicas/os, respondemos que nós acreditamos que outra realidade seja possível. E esperamos poder dizer amanhã: *“Não sabia que era impossível, fui fazer e fiz”* (cit.)

Quem toma posse hoje são todos as/os colegas que em nos acreditaram, que tem vontade e desejo de lutar conosco; mas também tomam posse os que não nos apoiaram. A todos nos estendemos a mão em busca de maiores consensos e convergências, com nossas diferenças.

O nosso é um chamado a fortalecer a união respeitando as diferenças. Mas também é um chamado a responsabilidade de todas/os neste processo, inclusive das/os que não gostam de sindicato ou de política, pois o objetivo é e deve ser o mesmo, numa perspectiva de reconhecimento dos valores civilizatórios da nossa Constituição, de dignidade do homem e do trabalho docente: a defesa da Universidade pública, gratuita, de qualidade, inclusiva,

da sua autonomia, da luta contra a precarização do trabalho docente e contra a exploração do homem.

Novas situações virão além das que já estão postas, pois, como sabemos, o poço pode ser a cada vez mais fundo.

“Vamos precisar de todo o mundo” (cit.)

“Ter esperança não é só esperar”, afirma Marcio Tulio Viana, meu grande orientador brasileiro e mestre de vida, ao qual devo agradecer de muitas coisas. Foi ele que me ensinou a enxergar o outro lado das moedas, foram seus ensinamentos que me permitiram de descobrir o engano e a manipulação dum sistema aparentemente neutral, foi graças a ele que a minha indignação se transformou em ação, e ele ainda que me inspirou e me ensinou que cada um é importante, como presença, e potência, na sua forma de resistir.

Há muitos modos de se resistir:

Resiste-se lutando – e até fugindo. Resiste-se com tiros, palavras, espadas, poemas, pancadas, subornos, prisões, greves, canções, pedras, (...) Até com lágrimas se resiste... Mesmo o irracional resiste: o peixe ao anzol, o rio à barragem, a pedra ao vento, a pirâmide ao tempo (...) Até a rosa, com seus espinhos, resiste a quem a colhe

Vamos resistir juntos.

Venham conosco fazer esta Travessia!

Deixo aqui meu abraço a todos/as. A minha família, e ao meu pai um beijo grande e muita gratidão.